

O PRIMEIRO CORPO DOCENTE DA ESCOLA MILITAR

(SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ESCOLA MILITAR)

Cap. ADAILTON SAMPAIO PIRASSINUNGA

Em 1807 os exércitos franceses do Grande Napoleão, invadindo Portugal que quizerá conservar-se fiel à sua aliança com a Inglaterra, determinam a transferência da Côrte portuguesa para o Brasil.

Este, subindo de pórte e elevando-se em grandeza, assimila todo aquele progresso do antigo mundo, sentindo já que se tornará, por suas novas instituições e progresso rápido, capás de ombrear, mui brevemente, com qualquer nação daquelas que contam os períodos de sua história por séculos que se perdem na infância do mundo.

E o então Vice-Reino unido a Portugal e Algarve vê criarem-se, em si, Academias, Museus, Arsenais, Bibliotecas, instituições novas que nunca mais perecerão, que ao contrário, se transformarão, acompanhando a trajetória ascendente da espiral que representa o Progresso.

E assim, o Brasil que aparecia, vê surgir, entre outras instituições, a ACADEMIA REAL MILITAR, origem da nossa ESCOLA MILITAR, padrão de glória e um dos esteios da nossa nacionalidade, já que por ela transitou uma grande parte dos grandes brasileiros que fazem jús ao nosso respeito, à nossa veneração e ao nosso reconhecimento.



D. JOÃO VI

Criada pela Carta de Lei de 4 de Dezembro de 1810, a Academia Real Militar centraliza o ensino militar então existente, prontificando-se, por seus estatutos, a fornecer oficiais para as armas combatentes do Exército do Brasil, bem como a habilitá-los com a parte teórica e prática das armas científicas, a Engenharia e a Artilharia.

— Inaugurando-se, em condições de iniciarem-se as suas aulas, a 23 de Abril de 1811, na chamada Casa do Trem, com que Corpo Docente contava? — Qual a sua primeira administração? — Quais os primeiros professores das cadeiras existentes no curso?

— E' o que neste breve trabalho procuraremos, à luz de *documentos verdadeiros* que fomos desentranhar do pó dos arquivos, responder.

* * *

Da Carta de Lei de 4 de Dezembro de 1810, já citada e dos Estatutos por que se deveria reger a Academia se depreende que a sua direção pertencia a uma Junta de 5 membros, sendo o Presidente e Diretor da Academia um Tenente-Coronel tirado do Corpo de Artilharia ou do Corpo de Engenheiros e os quatro restantes, Deputados, oficiais de patente igual ou superior à de Coronel, todos subordinados a uma Inspeção Geral sintetizada pelo Ministro e Secretário de Estado da Guerra

Todos esses membros deveriam ainda cooperar nos trabalhos da Academia. Assim: pertenceria ao Presidente a direção dos estudos de Mineralogia, Química e Física; a um dos Deputados saberia a direção e assistência aos trabalhos geodésicos; a outro o traçado de algum polígono militar que se construiria no campo para mostrar aos alunos o ataque e a defesa das Praças; a outro o reconhecimento do terreno e as manobras táticas realizadas no campo; ao último competiria o exercício e a disciplina das aulas e de toda a Academia, vigiando particularmente sobre a fiel observância dos Estatutos.

Obrigatoriamente caberia ao Diretor do Arquivo Real Militar ser o Deputado da Junta que seria encarregado da direção e assistência aos trabalhos geodesicos.

Determinavam ainda os mesmos estatutos, a divisão do ensino em 7 anos para os quais haveria 11 lentes e 5 substitutos, assim distribuídos:

Aritmética, Algebra, Geometria retilinea e primeiras noções da esférica seriam estudadas no 1.º ano onde só haveria um lente; entrariam no 2.º as aplicações da Algebra e da Geometria, levando-se-as até ao Cálculo diferencial e integral, Geometria Descritiva e Desenho; haveria dois lentes, sendo que um para Geometria Descritiva e Desenho. Mecânica e Hidrodinâmica formariam o 3.º ano que um único lente dirigiria. No 4.º dois lentes ensinariam: um Trigonometria esférica, princípios de Astronomia e Física e outro, que era o mesmo do 2.º ano, Desenho.

No 5.º ano iniciar-se-ia o estudo das matérias exclusivamente militares. Um lente ensinaria Tática, Fortificação e Reconhecimento dos terrenos, enquanto um segundo lecionaria Química. No 6.º ano completar-se-ia o estudo da Fortificação e se estudaria mais a Arquitetura Civil e a Mineralogia, havendo para esta última um lente especial. No 7.º dois lentes ensinariam: o primeiro a Artilharia teórica e prática, Minas e Geometria subterranea e o segundo a História Natural nos dois reinos animal e vegetal.

Resavam ainda os estatutos da Academia, cogitando de um 8º ano:

“Logo que se possa formar uma Biblioteca científica e militar, haverá um lente de História Militar que servirá de Bibliotecário e que no 8.º ano explicará a história militar de todos os povos, os progressos que na mesma faz cada nação, dando uma idéia dos maiores generais nacionais e estrangeiros”.

* * *

De posse desses dados que nos facilitarão a compreensão, dando-nos, para tal, uma base, passemos aos documentos, procurando reponder às questões propostas:

Diz-nos o primeiro:

“Havendo Determinado na Minha Carta de Lei de quatro de Dezembro do ano próximo passado pela qual Fui Servido Crear nesta Côrte uma Academia Real Militar, que nela haveria uma Junta a cujo cargo estivesse a direção deste importante Estabelecimento, composta da maneira que declara a mesma Carta de Lei; Sou ora Servido Nomear para Presidente da dita Junta ao Tenente-Coronel Inspetor Geral de Artilharia Carlos Antonio Napion; Para Primeiro Deputado na conformidade alí declarada ao Brigadeiro João Manoel da Silva, Diretor do meu Real Arquivo Militar; e para Segundo Deputado ao Coronel do Real Corpo de Engenheiros Manoel Jacinto Nogueira da Gama; e Determino que não obstante não Nomear Eu por ora os outros Deputados de que deve compôr-se a Junta, haja ela de reunir-se desde logo e ter as suas sessões e exercício que lhe compete pela sobredita Carta de Lei da sua Instituição: o Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e expresse nesta conformidade as Ordens necessárias.

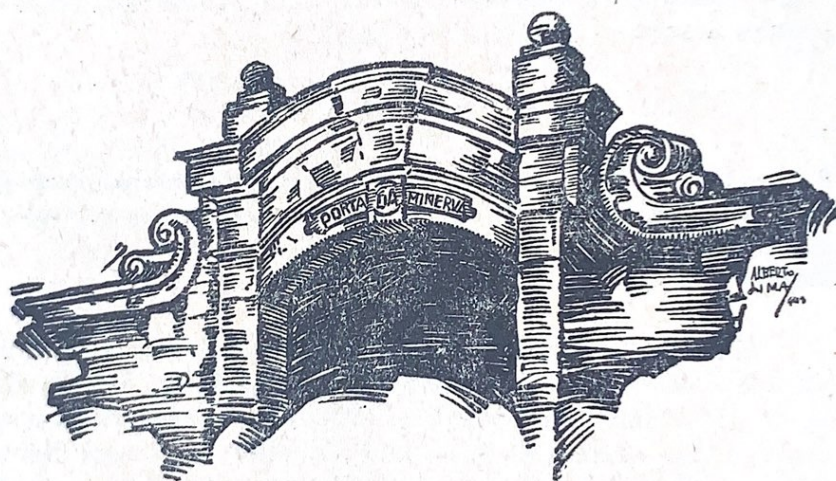
Palácio do Rio de Janeiro, em 11 de Março de 1811. Com a rubrica do Príncipe Regente”.

Por este já observamos que, se os Estatutos da Academia Real Militar prescreviam para a Junta Militar que deveria dirigir os destinos

da dita Academia, 5 membros, sendo um Presidente e quatro Deputados, de fato, de início, ela se compôs apenas de 3 membros (um Presidente e dois Deputados).

E, avançando um pouco, asseveramos ainda que nunca, enquanto perdurou o 1.º regulamento, o quadro da direção este completo; sempre esse número de 3 membros foi o notado.

O Tenente-General Carlos Antonio Napión, o Brigadeiro João Manoel da Silva e o Coronel Manoel Jacinto Nogueira da Gama, respectivamente Presidente, 1.º e 2.º Deputados, constituíram, pois, a *Primeira Junta* que teve em suas mãos os destinos da Academia Real Militar, marco inicial da nossa Escola Militar, fôrja de caracteres que muito tem feito pelo Brasil e para o Brasil.



Entrada principal da Casa do Trem, na Ponta do Calabouço

Outros documentos levar-nos-ão agora ao conhecimento do primeiro corpo docente que, nas salas daquela antiga Casa do Trem, junto à Ponta do Calabouço, labutou no afan de transmitir aos primeiros alunos os conhecimentos de que eram possuidores, bem como ao conhecimento dos primeiros ocupantes das cadeiras do curso.

Diz o principal:

RELAÇÃO DOS LENTES E SUBSTITUTOS DA ACADEMIA REAL MILITAR, NOMEADOS POR DECRETO DA DATA DE HOJE

Para Lente do 1.º ano letivo:

Antonio José do Amaral, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros e Bacharel em Matematicas.

Para Lente do 2.º ano letivo:

Francisco Cordeiro da Silva Torres, Sargento-mór do mesmo Real Corpo.

Para Lente do 3.º dito:

José Saturnino da Costa Pereira, 1.º Tenente do mesmo Real Corpo e Bacharel em Matematica.

Para Lente do 4.º dito:

Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, Capitão do dito Real Corpo.

Para Lente do 5.º dito:

João de Souza Pacheco, Sargento-mór do dito Real Corpo.

Para Lente do 6.º dito:

Salvador José Maciel, Capitão do dito Real Corpo.

Para Lente do 7.º dito:

Manoel da Costa Pinto, Sargento-mór de Artilharia.

Para Lente de Física:

Luiz Antonio Barradas, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Para Lente de Mineralogia:

(Vago por ora).

Para Lente de Geometria Descritiva, devendo reger qualquer das Cadeiras de Matematica nos impedimentos dos Lentes:

José Vitorino dos Santos e Souza, 2.º Tenente.

Para Lente de Desenho e Gravura:

João José de Souza, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Para 1.º Substituto dos Lentes do 1.º e 2.º anos:

Thomaz Barbarino da Cunha, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Para 2.º Substituto:

Vasco José de Paiva, Tenente Coronel.

Para Substituto do Lente de Desenho e Gravura:

Roberto Ferreira da Silva, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Palácio do Rio de Janeiro, em 11 de Março de 1811.

(ass) *Conde de Linhares.*

Conquanto suficientemente explicita, esta “relação de lentes”, datada de 11 de Março de 1811 e que recolhemos do livro n.º 40 do Arquivo da Secretaria da Guerra (Decretos, Leis e Cartas Régias), não representa ela de todo a verdade se nos quizermos referir àqueles nomes ditos acima como tendo sido, de fato, os dos primeiros ocupantes das cadeiras do curso da Academia recém creada.

Dada a não existência, de início, de alunos em todos os anos do curso e a impossibilidade momentânea de alguns lentes nomeados de deixarem as comissões e os serviços que exerciam, algumas modificações e outras tantas nomeações surgiram, deturpando em parte aquele quadro que devia sintetisar com toda a fidelidade o primeiro corpo docente da Escola Militar.

As seguintes notas precisarão o que acabamos de dizer:

“Conformando-me com o parecer da consulta que dirigiu à Minha Real Presença a Junta da Direção da Academia Real Militar na data de 25 do mês próximo passado sobre o Requerimento de André Pinto Duarte, a qual Fui Servido Resolver em 7 do corrente: Hei por bem determinar que passando o Sargento-Mór Francisco Cordeiro da Silva Torres de Lente da Cadeira do 2.º ano do curso da mesma Academia, para que foi nomeado a Lente da cadeira do 6.º ano, a qual deve considerar-se vaga em consequencia da Minha Real Determinação de que o Sargento-mór Salvador José Maciel continue a ser empregado na Capitania da Baía, seja a sobredita Cadeira do 2.º ano ocupada pelo suplicante André Pinto Duarte, como Lente, com a mesma Patente que tem de 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros. Em 19 de Junho de 1811. Com a rubrica do Príncipe Regente”.

De outro lado sabemos que a cadeira de História Natural (2.ª do 7.º ano) inaugurou-a somente em 1813 o Frei José da Costa e Azevedo que também inaugurou, em 1818, a de Mineralogia (2.ª do 6.º ano).

“Crêa na Academia Real Militar desta Corte um Gabinete de produtos de Mineralogia e História Natural.

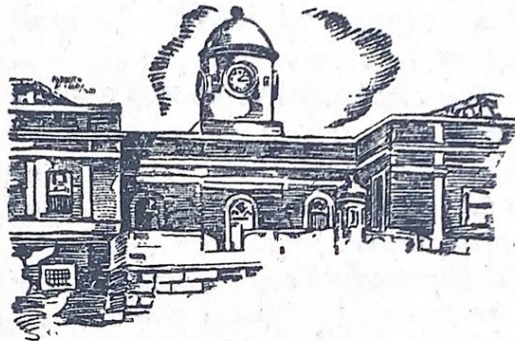
Tendo em contemplação os bons serviços que me tem prestado Frei José da Costa e Azevedo no lugar de lente da cadeira de História Natural na Academia Militar desta Côrte, de que tem a propriedade, e convindo ao meu real serviço que ele passe para a Cadeira de Mineralogia na mesma Academia, sou servido nomeá-lo lente proprietário desta Cadeira com o ordenado correspondente; havendo outrossim, por bem conceder-lhe a administração e inspeção do Gabinete dos produtos de Mineralogia e História Natural que hei por bem crear na mesma Academia, à qual servirá com a gratificação anual de 150\$000 por este cargo, além do ordenado de sua cadeira...

(Decreto de 22 de Janeiro de 1818)”.

Para lente da cadeira de Química, componente do 5.º ano da Academia, sabemos também ter sido aproveitado o Dr. Daniel Gardner que

desde 6 de Julho de 1810 fôra nomeado para ministrar aquella disciplina nas aulas militares da Artilharia e da Engenharia.

De posse agora de todos esses dados e fazendo naquele primeiro quadro as devidas substituições e os devidos acrescimos, sentimo-nos aptos a apresentar os componentes do PRIMEIRO CORPO DOCENTE que teve a Escola Militar, bem como os PRIMEIROS OCUPANTES das cadeiras do curso.



Escola Militar, na Praia Vermelha

Com pequenas informações biograficas dos que nos foi possivel identificar, assim os apresentamos, respeitando a ordem natural das matérias ministradas na Academia:

— ANTONIO JOSE' DO AMARAL, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 1.º ano onde ensinava Aritmética, Algebra, Geometria retilinea e primeiras noções da esférica.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1772, filho de José Francisco do Amaral. Estudou em Portugal onde se bacharelou em Matemáticas pela Universidade de Coimbra. Ingressando no Exército, iniciou sua carreira militar na arma de Artilharia.

Aos 19 de Abril de 1811 foi promovido ao posto de 1.º Tenente com a graduação de Capitão, posto em que se manteve durante o tempo em que lecionou na Academia.

Era tão respeitado pela sua probidade que, apesar de suas idéias republicanas, foi indicado, depois da abdicação de D. Pedro I, para tutor de seu filho, o que recusou.

Estava na Europa, quando se promulgou a Constituição brasileira que jurou por procuração.

Deputado, em 1830, pelo Rio de Janeiro, fez opposição ao governo de D. Pedro I, apoiando na Câmara o partido dos moderados. Na terceira legislatura recusou ser deputado, vivendo desde então muito retirado.

Colaborou em diversos jornais brasileiros, tais como o "Indicador Militar", a "Astréa" e, antes da independência, fez parte da comissão encarregada de organizar os compendios para a Academia Real Militar. Faleceu em 1848.

— ANDRE' PINTO DUARTE, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 2.º ano onde ensina Aplicações da Algebra e da Geometria, levando-as até ao Cálculo diferencial e integral.

— JOSE' VITORINO DOS SANTOS E SOUZA, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 2.º ano onde lecionava Geometria Descritiva. Tinha ainda o encargo de reger qualquer das cadeiras de Matemática nos impedimentos dos respectivos lentes.

No posto de 2.º Tenente lecionou na Academia por mais de um ano, visto como a sua promoção a 1.º Tenente tem a data de 25 de Setembro de 1812.

E' autor de uma "Geometria e Mecânica das artes, dos officios e das belas artes", publicada em 1823, no Rio de Janeiro.

— JOSE' SATURNINO DA COSTA PEREIRA, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Lente do 3.º ano. Lecionava Mecânica e Hidrodinâmica.

Nasceu na Colonia do Sacramento, em 1773 e faleceu no Rio de Janeiro em 1852.

Estudou em Portugal onde se bacharelou em Matemática pela Universidade de Coimbra. Regressando ao Brasil foi nomeado lente da Academia Real Militar e membro da Junta diretora da Imprensa Nacional. No Rio de Janeiro foi o correspondente do "Correio Brasiliense", jornal que um seu irmão editava em Londres.

Aos 19 de Abril de 1811 foi elevado ao posto de Capitão, graduação que teve enquanto lecionou.

Proclamada a independência foi eleito Senador pela provincia de Mato Grosso. Ocupou a pasta da Guerra em 1837, ao tempo da regência do padre Diogo Antonio Feijó. Foi ainda Senador do Império.

José Saturnino teve a glória de ser o que, dos lentes da novel Academia, primeiro apresentou o compendio a que, para uso dos alunos, eram obrigados os lentes.

E' interessante o transcrevermos aqui os dizeres do frontespício dessa primeira obra que, especialmente para seu uso, teve a Academia Real Militar:

“TRATADO ELEMENTAR DE MECÂNICA
por Mr. Francoeur.

Por ordem de Sua Alteza Real traduzido em Português e aumentado de doutrinas extraídas das Obras de Prony, Bossut, Marie, etc.: para uso dos Alunos da Real Academia Militar desta Côrte por

José Saturnino da Costa Pereira,

Cavaleiro na Ordem de Cristo, Bacharel formado em Matemática, Capitão do Real Corpo de Engenheiros, e Lente do terceiro ano da mesma Academia

Rio de Janeiro
Na Imprensa Régia
181

Por ordem de Sua Alteza Real.”

Escreveu ainda:

“Indagações do sólido de máximo volume entre todos os de igual superfície”; “Dicionário topográfico do Império do Brasil”; “História geral dos animais classificados segundo o sistema de Cuvier (4 volumes)”; “Elementos de Astronomia e Geodesia, precedidos da Trigonometria esférica”, redigidos para uso da Escola Militar (1845):”; “Elementos de Mecânica”; “Aplicação da Algebra a Geometria”; “Elementos de Cálculo diferencial e de Cálculo Integral”; “Apontamentos para a formação de um roteiro das costas do Brasil”; e outras mais.

— MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 4.º ano onde ensinava Trigonometria esférica, Geografia e princípios de Astronomia.

Nasceu no Estado da Baía a 5 de Março de 1777. Contando cerca de 14 anos embarcou para Portugal onde em Lisboa continuou seus estudos, matriculando-se a 1.º de Outubro de 1798 no 1.º ano da Academia Real da Marinha.

Por decreto de 19 de Junho de 1801, tendo concluído o curso da Academia, premiado em primeiro lugar em todos os estudos, foi nomeado Lente Substituto da mesma Academia com a patente de 1.º Tenente da Armada.

Por ocasião da transladação da côrte portuguesa para o Brasil, para aquí veio, sendo logo após a chegada, a 5 de Novembro de 1808, transferido para o Exército e promovido ao posto de Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Creada a Academia Real Militar foi designado para um dos seus lentes, tal como se vê do seguinte decreto do Príncipe Regente:

“Por justos motivos Sou Servido Determinar que Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, Capitão do Real Corpo de Engenheiros e Lente da Academia Real dos Guarda Marinhas, passe para Lente de Geografia e Astronomia do 4.º ano da Academia Real Militar, continuando a receber o mesmo ordenado de 400\$000 que até aqui recebia como Lente da dita Academia dos Guarda Marinhas: O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido

Palácio do Rio de Janeiro, 28 de Fevereiro de 1811.”

No exercício de Lente conservou-se até 21 de Abril de 1821, quando obteve a sua jubilação por contar 20 anos ininterruptos de magistério; tinha por essa época o posto de Coronel graduado a que fora elevado a 13 de Maio de 1819.

Conquanto em disponibilidade não parou aí a atividade desse grande educador. A 5 de Março de 1823 foi nomeado Deputado da Junta de direção da Academia Real Militar e logo depois, em Junho do mesmo ano, foi eleito Deputado à Assembléia Constituinte pela província da Baía. No desempenho deste cargo foi elevado ao posto de Coronel, a 12 de Outubro de 1823.

Reformou-se, já no posto de Brigadeiro graduado, pelo decreto de 24 de Dezembro de 1830, contando apenas 25 anos de idade.

Ativo ao extremo, porém, mesmo na Baía onde fixara residência após a reforma, os seus serviços foram aproveitados como Lente da cadeira de Geometria e Mecânica que funcionava anexa ao Arsenal de Marinha.

Militar de grande atividade e ilustração, escreveu e traduziu diversas obras de matemática e colaborou em diversos periódicos da Imprensa, sendo que, por ocasião de sua morte, era um dos redatores do “O Patriota”.

Faleceu a 24 de Outubro de 1838.

Tinha as condecorações de S. Bento de Aviz e da Ordem do Cruzeiro.

— LUIZ ANTONIO BARRADAS, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 4.º ano onde ensinava Física.

— JOÃO JOSÉ DE SOUZA, Capitão do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 4.º ano onde lecionava Desenho e Gravura. Era ainda o lente da mesma disciplina também ministrada no 2.º ano.

— JOÃO DE SOUZA PACHECO LEITÃO, Sargento-mór do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 5.º ano onde explicava a Tática, a Estratégia, a Castramentação, a Fortificação de Campanha e o Reconhecimento dos terrenos.

Português de nascimento, veio para o Brasil acompanhando a família real e aqui, em virtude dos seus reconhecidos conhecimentos militares, foi nomeado para Lente da Academia Real Militar, por despacho de 11 de Março de 1811.

Escritor notavel, deixou diversas obras, sendo que algumas traduções. Dentre elas destacam-se: “Reflexões militares sobre a campanha dos franceses em Portugal”; “Arte Militar e de Fortificação”, traduzida de Guide Vernon; “O Brasil e a Constituição de Portugal”; “Exposição das despesas e estado do farol da ilha da Rosa” e os poemas: “Genieida”, “A restauração da liberdade” e a “Natureza”.

Faleceu em Lisboa, para onde retornara depois de reformado, em 1855.

— DANIEL GARDNER, Doutor em medicina.

Lente do 5.º ano onde tinha a seu cargo a cadeira de Química. Lecionava desde 6 de Julho de 1810 nas aulas militares da Artilharia e da Engenharia que, com o nome de Academia Militar, funcionavam no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro.

Creada a Academia Real Militar que centralizava em uma só todo o ensino militar teórico então existente, foi aproveitado como Lente de Química, mesma cadeira que já lecionava e da qual já tinha a propriedade.

— FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA TORRES, Sargento-mór do Real Corpo de Engenheiros.

Lente do 6.º ano onde tinha a seu cargo o complemento do estudo da Fortificação e o ensino da Arquitetura Civil.

Nasceu em Portugal a 24 de Fevereiro de 1775.

Veio para o Brasil em 1809, sendo então 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros. Promovido a Capitão em 24 de Junho de 1809 e a Sargento-mór na mesma data do seguinte ano de 1810, foi, por decreto de 11 de Março de 1811, nomeado lente da Academia Real Militar.

Não obstante esse encargo que desempenhou com rara proficiência, ao mesmo tempo que o exercia, desempenhava-se de outras comissões, para as quais a sua atividade e o seu saber eram solicitados.

Assim, foi encarregado de encanamento das águas que inundavam a Real Quinta da Boa Vista, futura residência imperial e da direção das obras hidráulicas da Real Fazenda de Santa Cruz.

Dirigiu ainda os trabalhos do encanamento das águas do rio Maracanã, a construção do chafariz do Campo de Santana, o cáis da praça do Comércio, as obras do canal da Pavuna e do rio Guandú e outros trabalhos de engenharia.

Em 15 de Junho de 1823, já Brigadeiro graduado, tendo atingido ao generalato a 12 de Outubro de 1826, foi nomeado Ministro da Guerra, cargo de que foi exonerado a pedido dez dias depois.

Solicitou reforma do serviço ativo do exército em 1833, a qual lhe foi concedida no posto de Marechal de Campo.

Era Conselheiro de Estado, Grande dignatário da Ordem da Rosa e Viador das princezas, tendo sido agraciado com o título de Visconde de Jerumirim.

Faleceu no Rio de Janeiro a 8 de Maio de 1856.

— MANOEL DA COSTA PINTO, Sargento-mór de Artilharia. Lente do 7.º ano onde ensinava Artilharia teórica e prática, Minas e Geometria subterrânea.

Nasceu em Lisboa a 27 de Agosto de 1780.

No posto de Capitão veio para o Brasil em 1809, nomeado para lente da Aula Militar que funcionava no Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro, com a designação de Academia Militar.

Nesse mesmo ano, por um decreto, em o qual eram salientadas a sua aptidão e inteligência reveladas no decurso de sua vida militar, foi incumbido da composição de um "Tratado de Artilharia teórica e prática", pelo qual deveria ser moldado o ensino na mesma Academia.

Em Dezembro de 1810 tendo o ensino militar sofrido uma remodelação com a criação da Academia Real Militar que concentrava em uma só Academia todo o ensino militar existente no Brasil, foi nomeado, já no posto de Sargento-mór, para lente da mesma cadeira que tinha no Regimento de Artilharia.

Oficial de grande mérito e profundo conhecedor de tudo que dizia respeito à sua profissão, atingiu ao generalato aos 42 anos de idade, quando foi graduado no posto de Brigadeiro, a 18 de Março de 1822. Outras promoções ainda obteve, atingindo a maior, Tenente General, a 12 de Setembro de 1837.

Durante sua vida militar, além da função de lente, desempenhou as seguintes comissões: em 1817 fez parte da expedição que partiu do Rio de Janeiro contra os rebeldes de Pernambuco; foi nomeado Inspetor de Artilharia a 22 de Abril de 1821; Quartel-mestre general da Côte e província do Rio de Janeiro a 6 de Novembro de 1822; Deputado da Junta de direção da Academia Real Militar a 5 de Março de 1823; Deputado-intendente da Junta de fazenda dos

Arsenais do Exército, Fábricas e Fundições a 3 de Setembro de 1826 e Presidente da província do Maranhão a 24 de Dezembro de 1827.

Reformou-se, por doente, em 1842, sendo então transferido para a 3.^a classe do Exército.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 3 de Março de 1852.

— JOSÉ DA COSTA E AZEVEDO, Frade franciscano.

Lente do 7.^o ano onde ensinava a História Natural nos dois reinos animal e vegetal e depois também lente do 6.^o ano onde ensinava Mineralogia.

Nasceu no Rio de Janeiro em 1763. Iniciou seus estudos no Rio de Janeiro, completando-os porém em Lisboa onde frequentou o Colégio dos Nobres e depois em Coimbra em cuja Universidade esteve matriculado.

Sentindo grande vocação para o clero, envergou o burel de franciscano, conquistando no Convento de sua ordem uma cadeira de Lente de Teologia que pouco tempo ocupou.

Convidado para, em Lisboa, reger uma cadeira de Filologia para aí foi, sendo logo depois aceito sócio correspondente da Academia Real de Ciências.

A convite do Bispo de Pernambuco, D. José Joaquim da Cunha de Azevedo Coutinho, veio para o Brasil ocupar o cargo de Diretor do Seminário de Olinda e ser o regente das cadeiras de Filosofia e Retórica, no mesmo estabelecimento (1800).

Creando-se, no Rio de Janeiro, a Academia Real Militar e achando-se nela vaga a cadeira de História Natural, 2.^a do 7.^o ano do curso, foi o seu nome lembrado e posteriormente nomeado.

Como lente da Academia, o seu desempenho foi de tão grande valor, que, em 1818, foi também nomeado para lente proprietário da cadeira de Mineralogia, assunto ministrado no 6.^o ano (documento já citado).

Ainda nesse ano de 1818, os seus serviços foram novamente solicitados para ser o Diretor do Museu Real (depois Museu Nacional), mandado organizar por D. João VI, a 6 de Junho de 1818.

Tendo sido nomeado nesse mesmo dia coube a Frei José da Costa e Azevedo ser o primeiro Diretor do nosso atual Museu Nacional.

No desempenho dos cargos de professor da Academia e de Diretor do Museu, faleceu a 7 de Novembro de 1822, sendo sepultado na Igreja de São Pedro.

— THOMAZ BARBARINO DA CUNHA, 1.^o Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

Primeiro substituto dos Lentes dos 1.^o e 2.^o anos do curso.

Nessa comissão permaneceu na Academia Real Militar somente por espaço de tempo de um ano, pois que dele achamos outra nomeação, datada de 28 de Fevereiro de 1812. Diz ela:

“Hei por bem nomear a Thomaz Barbarino da Cunha, 1.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros, para Lente da Cadeira de Geometria da cidade de Pernambuco, vaga pela passagem de Joaquim Inácio de Lima para Lente da Real Academia da Marinha desta Côrte.

— VASCO JOSÉ DE PAIVA, Tenente Coronel.
Segundo Substituto dos Lentes dos 1.º e 2.º anos do curso.

— ROBERTO FERREIRA DA SILVA, 2.º Tenente do Real Corpo de Engenheiros.

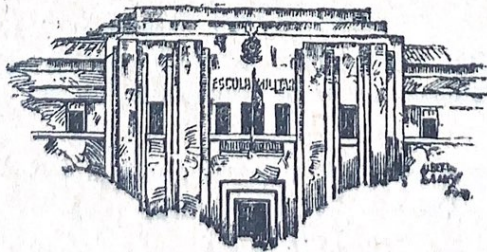
Substituto do Lente de Desenho e Gravura.

Nasceu em Lisboa entre os dois últimos quartéis do século XVIII. Aprendeu e estudou Desenho e Pintura em Lisboa, tendo sido por alguns anos pintor de carros ao serviço da Casa Cadaval. Ingressando depois no Exército, veio para o Brasil onde foi nomeado para Substituto e auxiliar do Lente efetivo de Desenho e Gravura da Academia Real Militar.

Em 1822 jurou e aceitou a constituição do Império, tornando-se então brasileiro.

Faleceu em 1840, tendo deixado as funções de lente em 1826.

Escreveu: “Elementos de desenho e pintura e regras gerais de perspectiva” (1817), obra de que foi tirada 2.ª edição em 1841.



Escola Militar, no Realengo

E, concluindo o modesto trabalho a que nos tínhamos proposto, resta-nos reafirmar ter sido este que acabamos de ver, o verdadeiro quadro dos *Primeiros ocupantes* das cadeiras do curso da Academia Real Militar, bem como o *Primeiro Corpo Docente* que teve a Academia que, através dos tempos, passando, como tudo no mundo, por transformações, segundo a marcha ascendente do progresso, é hoje a **ESCOLA MILITAR DO BRASIL.**

RESUMO

PRIMEIRA ADMINISTRAÇÃO:

Presidente da Junta de Direção da Academia —
Tenente General Carlos Antonio Napion.

- 1.º Deputado — Brigadeiro João Manoel da Silva.
2.º Deputado — Coronel Manoel Jacinto Nogueira da Gama.

PRIMEIROS PROFESSORES:

- Do 1.º ano — 2.º Tenente Antonio José do Amaral.
Do 2.º ano — 1.º Tenente André Pinto Duarte.
2.º Tenente José Vitorino dos Santos e Souza.
Capitão João José de Souza.
Do 3.º ano — 1.º Tenente José Saturnino da Costa Pereira.
Do 4.º ano — Capitão Manoel Ferreira de Araujo Guimarães.
Capitão Luiz Antonio Barradas.
Capitão João José de Souza (o mesmo do 2.º ano).
Do 5.º ano — Sargento-mór João de Souza Pacheco Leitão.
Dr. Daniel Gardner.
Do 6.º ano — Sargento-mór Francisco Cordeiro da Silva Torres.
Do 7.º ano — Sargento-mór Manoel da Costa Pinto.
Frei José da Costa e Azevedo (depois também do 6.º).
Substitutos dos Lentes — 1.º Tenente Thomaz Barbarino da Cunha.
Tenente Coronel Vasco José de Paiva.
2.º Tenente Roberto Ferreira da Silva.

Lentes efetivos — 12.
Substitutos — 3.

